

O RETRATO DO IMPERADOR. NEGOCIAÇÕES, SEXUALIDADE E ROMANCE NATURALISTA NO BRASIL

LEONARDO MENDES

Maria Helena Fioravante Peixoto*

No ensaio denominado “Texto e História”, Haroldo de Campos (1976) chama a atenção para as dificuldades com que tem deparado o historiador de literatura brasileira, dividido ante a precariedade de seu objeto de estudo (um cânone constituído de obras, na sua maioria de escassa qualidade literária) e a necessidade, de foro íntimo, de prestigiar, com seu exercício crítico, esse *corpus* legado pela tradição. Entre as soluções encontradas, o ensaísta destaca as que elevam autores menores à condição de “maiores”, ocultando dessa forma a insuficiência do meio literário brasileiro, ou as que endossam “com temor reverencial *as partilhas herdadas de ‘autores maiores’ e ‘menores’ e as escolhas consuetudinárias das peças de florilégio, permitindo-se apenas uma discreta margem de divergência em relação ao cânon constituído*” (ibidem, p.14).

Como se depreende das palavras do crítico, tal procedimento tem sido não apenas corrente em nossa historiografia, como ainda bastante danoso ao desenvolvimento dessa mesma historiografia, na medida em que dele resulta uma conjuntura de pacífica estagnação:

Satisfazem-se assim os currículos e povoam-se os livros didáticos, mas em contraparte esvai-se o sentido criativo, a qualidade (a informação original) é anulada, quando não excluída ... no confronto com a repetição estereotipada e a morna indiferenciação. (ibidem, p.14)

Diante da carência de inovação e originalidade justamente apontadas em nosso meio crítico, Haroldo de Campos convida à releitura do passado literário brasileiro, objetivando, no entanto, revivê-lo à luz das perspectivas atuais, sem repetir a seu respeito aquilo que já foi dito inúmeras vezes.

* Professora de Literatura Brasileira da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

O teor de sugestão tão revigoradora para os estudos da literatura brasileira poderia ser ilustrado a partir das palavras do pintor de Kooning, citadas no próprio texto de Haroldo de Campos: “*The past does not influence me; I influence it*”. Dentro do contexto brasileiro, isso significa que nosso passado literário pode perfeitamente estar à espera de uma reatualização, que o ilumine com as perspectivas e valores do presente.

Em síntese, o autor alerta para a necessidade de revisão do cânone da literatura brasileira, tal como a realizada após o movimento de 22, e de que resultou a recente descoberta de Sousândrade e Qorpo Santo, por exemplo. Além disso, propõe, como já se disse, a reinterpretação das obras incluídas no *corpus*, com o intuito de renovar-lhes ou mesmo questionar-lhes o sentido tradicionalmente difundido.

Trata-se, segundo ele, de tarefa urgente a ser encetada pelos pesquisadores da área, visando promover a desmontagem de algumas escolhas anacrônicas e já cristalizadas no seio de nosso meio literário.

Aceitando o convite e o comprometimento com a nova postura crítica, Leonardo Mendes, em *O retrato do imperador. Negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*, perfaz um trajeto retrospectivo em direção ao naturalismo, por meio da leitura minuciosa de duas das mais representativas obras desse movimento: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Não o motiva a repetição das teorias e dos argumentos já há muito expostos a respeito do Naturalismo e de suas obras: o discurso científico, a busca da verdade, o levantamento das metáforas e dos procedimentos descritivos utilizados na construção dos caracteres patológicos. Ao contrário, o que o instiga é a sondagem dos momentos em que, nas duas obras, oscila o projeto de abordagem cientificista das denominadas “sexualidades indisciplinadas e periféricas”, e o discurso entremostra, pela atitude do narrador ou por outros índices, o comportamento do autor implícito, suas hesitações, contradições, receios, preconceitos ou mesmo simpatias (insuspeitadas, segundo Leonardo Mendes) para com os sentimentos e reações de personagens como Amaro, de *Bom-Crioulo*, Rita Baiana, Leonie, Pombinha, Leocádia ou Jerônimo, d’*O cortiço*.

A obra subdivide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro deles dedicado a verificar a reação da crítica ao Naturalismo e às obras. Nesse momento, o pesquisador constata a rejeição quase unânime ao movimento, considerado como “literatura torpe” por pecar contra o decoro, opinião, aliás, partilhada por Machado de Assis. Para o estudioso, a atitude desses críticos comprova que o fato de se declararem positivistas e adeptos do cientificismo não significa romper com a mentalidade conservadora.

A crítica da época, no entanto, resguarda *O Ateneu*, por exemplo, dos severos ataques distribuídos à grande maioria das obras naturalistas. A história de Sérgio no pensionato consta entre as obras apontadas por Sílvio Romero (2000) como pertencentes ao “naturalismo mais correto, mais humano, mais científico” (diverso daquele que constituía a chamada literatura torpe). Segundo Mendes, semelhante avaliação decorre do modo velado com que a homossexualidade é tratada. Sendo relegada ao subtexto do romance, obedece ao preceito horaciano do decoro, não ferindo, portanto, a sensibilidade e a moral do público leitor.

Os dois capítulos seguintes versam sobre *O cortiço*. O enfoque recai, no segundo, sobre a sexualidade das personagens femininas, especialmente sobre Rita Baiana (em sua relação com Jerônimo), e, no terceiro, sobre Albino, o “lavadeiro homossexual”.

Nessa etapa do percurso, a análise atrai o leitor pela originalidade das relações estabelecidas. Principalmente com *Macunaíma*, da qual *O cortiço* poderia ser considerado, na concepção do autor, obra precursora, uma vez que, aqui, a sexualidade, a ambigüidade e a preguiça surgem como os germes da identidade brasileira, tal como serão posteriormente postulados por Mário de Andrade em sua rapsódia.

Um outro aspecto comum a ambas as obras residiria na relação amorosa: n’*O cortiço*, as personagens de Rita Baiana (espécie de Macunaíma de saias, segundo Mendes) e Jerônimo constituem os representantes fundadores da nacionalidade brasileira. Nesse caso, é o português que se submete à América. Porém, diversamente do que ocorre em *Iracema*, de José de Alencar, aqui e em *Macunaíma*, ela prescinde da procriação, pois a miscigenação já aconteceu e a população americana já existe.

Quanto a Albino, o outro foco desse capítulo, o autor chama a atenção para o fato de que, diversamente do modo como as personagens femininas são construídas – todas vibrantes e sensuais –, Albino é descrito de forma estereotipada e sem atrativos (é doente, feio e solitário; preocupa-se sempre em manter a casa arrumada e passa o ano todo à espera do carnaval, quando gosta de fantasiar-se de dançarina).

Além disso, as formigas que infestam a cama do “lavadeiro” são interpretadas como um mal, servindo, nesse contexto, para afastar a personagem de sua natureza homossexual. Na obra, esses bichos contrapõem-se ao coelho, animal conhecido pela sua capacidade de reprodução e que opera, no episódio da relação sexual entre Leocádia e Henrique, como representação da naturalidade dos seus impulsos sexuais (e, ao longo do romance, também das demais personagens femininas). O crítico, observando a concessão feita à sexualidade feminina, representada pela analogia com o coelho, faz-se a seguinte pergunta: “Por que coelhos para uns e formigas para outros?” (Mendes, 2000).

O quarto e o quinto capítulos convergem para a análise da sexualidade em *Bom-Crioulo*. Se, na leitura d’*O cortiço*, o pesquisador conclui enfatizando a virtude do escritor quanto ao tratamento do tema da sexualidade sem a proteção do discurso médico, no romance de Adolfo Caminha ele ressaltará as tensões internas desse autor, cuja preocupação em escudar-se nas pesquisas médicas e na documentação científica muitas vezes ocultará seus preconceitos ou simpatias pelas emoções das personagens.

Na verdade, tal busca constitui o núcleo da pesquisa de *Bom-Crioulo*. Os capítulos dedicados a essa obra buscam rastrear os traços de moralismo do escritor (e não são poucos os que o estudioso encontra), que obstaculizam o avanço do discurso científico proposto pelo Naturalismo. O uso de expressões vagas (*cousas medonhas, cousas*) e do pronome indefinido *aquilo*, por exemplo, ilustra o preconceito em torno da homossexualidade (Mendes lembra as palavras

a que Oscar Wilde recorre para referir-se ao homossexualismo na sociedade vitoriana: *o amor que não ousa dizer o seu nome*).

Para embasar a análise, o crítico vale-se do conceito de gótico, nascido nas narrativas românticas de terror, e que, nessa obra de Caminha, Mendes comprova estar associado a condições existenciais ambíguas e conflituosas; à homossexualidade de *Bom-Crioulo* (concebida às vezes pela personagem como “uma imoralidade repelente”, que lhe causa terror).

Examinando os elementos espaciais à luz dessa concepção, a corveta (“velha carcaça flutuante”), “o sobradinho obscuro” da Rua da Misericórdia e, mais especificamente, o quarto de Amaro e do grumete Aleixo são associados a representações de decadência e “do que não pode ser” (Mendes, 2000, p.207), como a homossexualidade. Até a Monarquia é lida como opção inviável, anacrônica e, por isso, igualmente descrita com a roupagem lúgubre do gótico:

O relógio das barcas marcava seis horas menos um quarto, e a cidade, mergulhada no crepúsculo, adormecia lentamente, caía pouco a pouco numa estagnação de praça abandonada, num triste silêncio de aldeia longínqua...

Acendiam-se as luzes e rareavam os transeuntes no Largo do Paço ... O velho pardieiro dos Braganças, o sombrio casarão, em que, durante quase um século, a monarquia fez reclamo de suas pratas, imobilizava-se lugubrememente, ermo e fechado àquela hora. (Caminha, 1956, p.6)

No quarto do casal, entre “objetos de fantasia rococó, ‘figuras’, enfeites, cousas sem valor”, o retrato de D. Pedro II, ídolo e protetor de Bom-Crioulo, de quem os republicanos diziam mal, “porque [o velho] tinha sentimento e gostava do povo” (Caminha, 1956), funciona como ponto axial da leitura que Leonardo Mendes faz não só do Naturalismo, como também da mentalidade brasileira da época.

Segundo sua perspectiva, as muitas concepções antagônicas de *Bom-Crioulo* (o discurso científico e o moralismo; a aceitação e a condenação das ditas “sexualidades periféricas”; a autocondenação e a autocomplacência de Bom-Crioulo; o monarquismo (opção política de Bom-Crioulo) e o republicanismo (de Aleixo e de Adolfo Caminha, antimonarquista radical, para quem “o Imperador é o espectro de um mundo em extinção” [Mendes, 2000, p.205], tal como o homossexualismo); todos esses antagonismos são equacionados na figura do imperador.

A interessante proposta de Mendes para a interpretação de Bom-Crioulo fundamenta-se na concepção do retrato do imperador, sobre a cama de Amaro e Aleixo, como a extensão, no livro, do poder moderador exercido por D. Pedro II no meio social, possibilitando, por esse meio, a dialética da ambigüidade, as negociações demandadas pelas contingências internas e externas à obra.

Na verdade, tanto em *Bom-Crioulo* quanto n’*O cortiço* são freqüentes as negociações, entendidas como concessões feitas quer ao discurso científico do Naturalismo, quer às opções políticas e ideológicas do escritor naturalista, quer aos padrões vigentes de sexualidade. Todas elas são encontradas a partir da investigação cuidadosa do crítico, orientada por uma bibliografia

vasta e diferenciada, composta de títulos recentes, ligados à área de História da Literatura, História, História da Cultura e Crítica Literária.

A distinção da bibliografia e a originalidade do trabalho de Leonardo Mendes se explicam em parte a partir do lugar de onde é focalizado seu objeto. A pesquisa realizou-se na Universidade de Austin, Texas, o que esclarece o recurso a procedimentos da literatura comparada, as analogias feitas com Shakespeare (*Othello*), Oscar Wilde (*O retrato de Dorian Gray*), Stevenson (*Dr. Jekyll e Mr. Hyde*), Herman Melville (*Billy Budd*), Jack London (*O lobo do mar*), Thomas Mann (*Morte em Veneza*), entre outros. De tal visão panorâmica e, simultaneamente, profunda decorrem a originalidade e a consistência da leitura efetuada por esse novo crítico.

Adotando a técnica do *close reading*, ele pretende fazer crítica literária como “arqueologia”: pela leitura atenta deseja “revelar as ruínas das intenções e ansiedades do autor, a eloqüência dos silêncios, as verdades da contradição e da hesitação” (ibidem). E pode-se dizer que os resultados são de excelente qualidade.

Referências bibliográficas

CAMINHA, A. *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

CAMPOS, H. de. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Debates)

ROMERO, S. História da literatura brasileira. In: MENDES, L. *O retrato do imperador. Negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Memória das Letras, 7)

MENDES, Leonardo
<i>O retrato do imperador. Negociação,</i>
<i>sexualidade e romance naturalista no Brasil.</i>
Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.